

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

3.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO, 1 DE SETEMBRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO)		N.º 11
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700		Semestre.....	1200	
	Anno.....	13400		Anno.....	2400	
			ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 100, 1.º			

EDUARDO DE MAGALHÃES

Pertenceu a essa phalange de heroes, d'alma temperada no Bem, a quem a humanidade deve uma parcella da sua gratidão mais viva. Espirito forte, provado na lucta desinteressada de um dever do amor do proximo que se impoz, Eduardo de Magalhães, foi um luctador cheio de abnegação, e, como o gladiador gaulez, por um capricho dos deuses, succumbia a meio da existencia e da lucta.

Na ala gloriosa dos Bombeiros voluntarios do Porto a que pertenceu, tinha o seu logar de honra como um benemerito e hoje que uma loisa o esconde, se não tem o seu nome gravado triumphantemente n o pantheon dos illustres, tem-n'o aureolado de saudades, como que rutilante da luz dos incendios, nos annos da Associação philantropica onde ganhou as esporas d'ouro que se conferem ao denodo e á dedicacão.

Foi um valente. Quando o sino do rebate punha a nota alarmante do seu grito incendiario na paz laboriosa da cidade, acorria ao lugar do perigo na denodada competencia de ser o primeiro a dar o seu soccorro de heroismo e o ultimo a retirar da sua faina humanitaria. Como todo o bombeiro voluntario que tem por timbre não deixar apagar na alma, o facho sagrado, tinha por divisa a legenda do cavalleiro de Bayard — *sans peur et sans reproche*.

Tinha no rosto uns sulcos prematuros, como se o fogo lh'os houvera cavado com as suas linguas ardentes. E na linha imperturbavel que tomava nos momentos extremos do perigo affirmava sempre o dever

da manutenção do seu posto de honra, como legionario fiel que era de uma coorte do Bem.

A sua ambição unica era o cumprimento do seu dever e tanto que tendo exercido em Braga, na corporação dos Bombeiros Voluntarios, de que fora installador, o posto de primeiro patrão, quando mudou a sua residencia para o Porto, sendo o seu primeiro passo alistar-se na phalange dos seus camaradas d'aqui, nunca mostrou o minimo interesse de honorarias de posto, occupando até á morte o modesto estado de simples voluntario.

Passou a vida empregando-a no bem dos outros, devotado á sua causa benefica, sem uma inimisade, sem uma arguição, sem uma nota, por isso lhe cabia bem o *sans reproche* do famoso cavalleiro de Francisco I. E quando baixou á cova, envolto na sua farda humilde, mas honrada pelo seu brio, pela sua dedicacão, pela sua coragem, os seus camaradas sentiram o transe d'este apartamento, com a saudade dolorida de um irmão que baixava á terra fria com as bemquerenças de todos.

Em meio da lucta de que esta vida é a arena, os soldados fieis que acodem á brecha dos perigos, em prol de uma ideia santa, ao verem cahir a seu lado um companheiro devotado, teem apenas tempo de verter uma lagrima, e se não fosse a alma do que ca-

hiu se fragmentar pela alma de todos de modo que o heroismo e a tenacidade persistem sempre na mesma força, embora o numero dos heroes decresça, muitas dedicacões seriam aniquiladas e a historia da humanidade não vingaria apontar luminosamente mais de uma idéa morta pela morte dos seus defensores.

Assim a Associação dos Bombeiros Voluntarios do Porto. Sucumbem os seus soldados heroicos, mas essa parcella de heroismo que os animava em vida, legam-a na hora derradeira aos seus irmãos na lucta e é d'aqui que o bando legionario dos bombeiros bene-



meritos se retempera no Bem e alimenta, sem a deixar apagar como as Vestaes romanas, a chamma do dever heroico que n'elles crepita e os alimenta no amor da humanidade.

J. F.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Finou-se no dia 10 do passado, o sr. Eduardo de Magalhães que pertencia á corporação dos bombeiros voluntarios do Porto.

Victima d'uma congestão cerebral, finou-se no vendor dos annos, roubando-o a morte á amisade sincera e leal dos seus amigos que tantos eram os que com elle privavam.

O malgrado moço baixou á campa deixando de si uma saudosa lembrança que por muito tempo subsistirá no animo dos que tiveram occasião de lhe apreciar os excellentes dotes do coração e da sua boa alma aberta e franca.

Eduardo de Magalhães morreu em S. João da Foz. D'ali foi conduzido para esta cidade o seu cadaver no carro de material da associação de que foi tão distincto membro, acompanhado por todos os seus camaradas e pelos bombeiros graduados das corporações municipaes d'esta cidade e de Villa Nova de Gaya. Sobre o feretro viam-se nove coroas, ultimos testemunhos de saudade da associação e dos seus amigos.

No dia immediato resaram-se os responsos de sepultura por alma do desditoso moço na igreja dos Terceiros do Carmo onde na vespera fôra depositado o seu cadaver. Aos seus funeraes assistiram todos os seus camaradas, as companhias de incendios municipaes d'esta cidade e de Villa Nova de Gaya com os seus respectivos chefes e uma deputação dos bombeiros voluntarios de Braga onde Eduardo de Magalhães fora primeiro patrão e muitos socios da associação dos bombeiros voluntarios e grande numero d'amigos.

Na capella do Prado do Repouso onde o feretro foi dado á sepultura, o commandante da corporação, o sr. Guilherme Gomes Fernandes, fez em phrases sentidas o elogio das eminentes qualidades do finado, bem comprovadas pelas lagrimas que marejavam os olhos dos seus dedicados camaradas.

Paz á sua digna e saudosa memoria.

O SEXTO ANNIVERSARIO DA ASSOCIAÇÃO BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Esta Associação commemorou dignamente no dia 25, o anniversario da sua instituição.

Ao romper da manhã a banda d'aquella corporação tocou no elegante pavilhão levantado no atrio da casa, ao Bomjardim, varios trechos de musica escolhida sob a direcção do seu habil professor, o sr. Fructuoso.

O atrio estava elegantemente decorado com bandeiras, galhardetes e festões de murta. Das janellas da casa pendiam vistosos cobertores de damasco.

No atrio tinha sido levantado um docel e n'elle tomou lugar para assistir á distribuição d'um bodo aos pobres, o sr. governador civil d'este districto, Thomaz Ribeiro, tendo por secretarios o vice-presidente da assemblea geral e o thesoureiro d'aquella associação os srs. Alberto Borges de Castro e Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior.

A's quatro horas da tarde procedeu-se á distribuição do bodo que consistiu em varios generos alimenticios e duzentos reis em dinheiro.

As companhias dos bombeiros municipaes d'esta cidade e de Gaya abrilhantaram com a sua presença esta solemnidade. Tinham aberto alas em frente do docel e por entre ellas desfilaram os pobresinhos contemplados que foram em numero de duzentos e quinze.

Não faltou de certo quem vomitasse immunda baba sobre a solemnidade de semelhante acto, alcunhando-o de vaidoso. Almas pequenas, fechadas, roidas pela inveja, apparecem sempre a manchar a santidade dos grandes feitos. Lesmas que se arrastam nos caminhos trilhados pelo bem não pôdem arrostar com os raios da luz que d'elle dimanam! Se ha vaidade em matar a fome, divina vaidade é essa que expulsa para bem longe a desgraça, que chama á vida uma presa que a morte cobiçava!

Eram cinco horas da tarde quando finalizou a distribuição. O sr. governador civil dirigiu-se então á sala das sessões e procedeu á abertura da sessão solemne, tendo por secretarios o presidente da assemblea geral, o sr. José Teixeira da Silva Braga Junior e o sr. Bernardo Gonçalves, 2.º secretario da direcção.

N'um brilhantissimo discurso fez s. ex.º o elogio d'aquella corporação, tecendo phrases de louvor á maneira singularmente excepcional como ella se tem conduzido e interpretado o lema da sua bandeira—*Auailium in periculo*.—Vangloriou-se de fazer parte d'aquella corporação, agradecendo em amabilissimas expressões a honra que se lhe tinha feito nomeando-o socio honorario. O brilhantissimo poeta do *D. Jays*, o illustre estadista, prodigalison a flux as flores do seu alevantado estylo. As attentões do selecto auditorio, em quanto s. ex.º fallou, teve-as suspensas dos seus labios inspirados. Ao terminar, uma longa salva de palmas explosiu e por muito tempo teve s. ex.º que agradecer os *bravos* calorosos que irrompiam de todos os pontos da sala. Seguiu-se-lhe o sr. Patricio que mais uma vez provou os seus credits d'orador distincto, fluente e erudito.

Em seguida tomou a palavra o sr. Eduardo da Costa Moraes e com aquella elegancia de dicção que faz de s. ex.º um orador primoroso, captivou desde as primeiras phrases. O seu discurso, um verdadeiro primor, era um collar de perolas que se desfiava.

Temos pelo talento de s. ex.º uma sympathia a que não nos podêmos esquivar. D'ella partilharam todos aquellos que o ouviram. Applaudido, festejado, teve s. ex.º o premio a que tem jus.

O digno commandante d'aquella corporação, o sr. Guilherme Gomes Fernandes, agradeceu depois á cidade do Porto o valioso acolhimento que tem dispensado á corporação de que é chefe, accrescentando que só a esse acolhimento se deve o seu progredir e que empregando os seus esforços tanto quanto pôde, nada mais faz que corresponder á confiança que lhe dispensam, unico meio para poder saldar d'algum modo a divida d'honra contrahida.

Foi muito applaudido.

Não havendo mais ninguem que quizesse usar da

palavra o sr. presidente levantou a sessão. Eram 6 horas da tarde.

Na sala estava grande numero de senhoras que se retiraram satisfeitas pela maneira brilhante com que todos os oradores a ellas se referiram.

A' noute esteve a casa da Associação profusamente illuminada e no atrio a banda da corporação tocou por largas horas escolhidos trechos de musica.

Franqueada a casa, uma enorme multidão invadiu as salas ouvindo-se por toda a parte phrases de elogio pela maneira com que tudo estava adornado e disposto.

D'este modo, ao contrario de todas as Associações de caridade, costuma esta Associação festejar os seus anniversarios. E' por isso que vai marchando distintamente na vanguarda do progresso e que de dia a dia vai conquistando os fóros de primeira associação de bombeiros voluntarios do paiz.

A. C.

Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINÇÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 9)

Na falta das alludidas substancias, poder-se-ha ainda applicar polpa de batatas raladas, azeite d'oliveira, oleo de linhaça ou outro oleo doce, clara d'ovo a que se juncte de modo a fazer uma massa molle, pó muito fino de carvão vegetal: as compressas d'agua fria poderão ser igualmente utilizadas. Em todo o caso, haja o maior cuidado em não expôr ao ar as partes molestadas.

Para neutralisar a acção de certos productos chímicos sobre a epiderme, recorra-se a lavagens abundantes: a agua que se empregar deve tornar-se alcalina pela addição do ammoniaco, cal ou soda, se a ferida fór causada por um acido e pelo contrario faça-se uso d'agua com vinagre para lavar as feridas produzidas pelos alcalis, ammoniaco, potassa, soda caustica, etc.

As queimaduras com o acido phenico concentrado são rapidamente combatidas por compressas d'azeite d'oliveira ou oleo de linhaça. As queimaduras com o phosphoro devem ser muito banhadas e lavadas com agua ordinaria ligeiramente alcalinizada ou seja juntando-se-lhe magnesia, ou na falta d'esta, alvaiade, greda ou mesmo cinza de lenha que se vá buscar ao fogão. Quando a queimadura é extensa ou d'uma certa gravidade mergulhe-se a parte affectada em agua onde se lançou uma vigesima parte d'agua de gavela, solução d'hypochlorite de potassa e se poz em suspensão uma pouca de magnesia.

II — Golpes, contusões, entorses, deslocções e fracturas.

Quando se tracte d'um simples golpe, depois de se ter lavado a ferida, apertem-se-lhe os labios, que se cobrem para os conservar junctos com um pedaço

de taffeté, ou melhor ainda, com algumas tiras de spradro collocadas obliquamente.

Se ha contusão com ecchymose ou tumor sanguineo applique-se sobre a parte levada uma compressa d'agua de Goulard, agua salgada ou mesmo agua pura. No caso de serem as dores muito intensas, misture-se na agua das compressas um terço de laudano.

Quando a contusão affecte orgãos essenciaes ou profundos, cubra-se com compressas d'agua fresca renovadas frequentemente, enquanto não chega um homem da arte.

O entorse ou torcedura combate-se com compressas bem apertadas d'agua com tintura d'arnica, subacetato de chumbo ou alcool camphorado, devendo o membro molestado ficar em completo repouso.

(Continua).

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE PENAFIEL

Recebemos os estatutos da Associação Philantropica dos Bombeiros Voluntarios de Penafiel. Pela sua leitura e porque fiamos que esta associação saberá nobremente desempenhar os fins que se propoz, estamos convencidos que aos bombeiros voluntarios de Penafiel está guardado logar distincto na crusada do Bem que já hoje tantos e tão devotados soldados conta.

Eis os fins da benemerita associação:

«Socorrer os habitantes d'esta cidade e concelho (Penafiel) nos casos de incendio, de desgraça ou de calamidade de qualquer ordem.

«Promover a diminuição da mendicidade, já soccorrendo os verdadeiros necessitados no domicilio, já procurando por todos os meios licitos a repressão dos falsos mendigos, já procurando trabalho aos que sendo validos, não o poderem alcançar de per si.

«Promover a diffusão da instrucção primaria e professional, empregando todos os meios para despertar o gosto ao estudo e o amor ao trabalho.

«Promover e realizar tudo o que poder contribuir para o bem estar e morigeração social.»

Por uma das disposições dos estatutos são socios honorarios da Associação Philantropica dos Bombeiros Voluntarios de Penafiel, os proprietarios e redactores de todos os jornaes do paiz. Pela nossa parte agradecemos a honra que collectivamente é dada á imprensa de que nós somos os mais humildes membros.

A INICIATIVA DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO NOS BANDOS PRECATORIOS PARA AS VICTIMAS DO INCENDIO DA COSTA DO FURADOURO.

Esta Associação que sobejamente tem demonstrado a sua aptidão, a sua decidida boa vontade para tudo que é grande e nobre, mais uma vez acaba de dar um solemne testemunho de quanto fervorosamente costuma acolher e perflhar os grandes commettimentos.

Sob a sua iniciativa, o Porto presenciou o desfi-

lar d'um dos mais bellos cortejos que nos ultimos tempos se tem organizado no nosso paiz. A Associação dos Bombeiros Voluntarios tomou sobre si a pesadissima responsabilidade de, n'um breve espaço de tempo, angariar soccorros para os desgraçados pescadores do Faradouro a braços com a maior miseria.

Bizarra tarefa, bisarro desempenho!

Não vem aqui a pello descrever a belleza d'ornamentação com que se ostentaram os tres carros triumphaes que representavam a Imprensa, a Pesca e a Associação dos Bombeiros Voluntarios. Poder-nos-iam tomar por suspeitos se nos deixassemos ir nas azas do entusiasmo e por isso abtemo-nos de lhes exaltar a belleza e o bom gosto que presidiu á sua construcção.

O Porto cooperou valiosamente para o bom exito d'esta crusada de caridade acolhendo-a com o maior respeito e veneração. Da sua bolsa sempre aberta aos brados do infortunio vieram cair no regaço da caridade esmollas valiosissimas, a vida, o alento a alegria que podia seccar os prantos que abriam sulcos profundos nos rostos tismados dos heroes do Oceano.

Ricos e pobres á porfia corriam presurosos. A sua mão benefica estendeu-se generosa e uma larga colheita gratificou e encheu de jubilo o coração d'aquelles que sabem comprehender a grande alma dos filios do Porto.

A imprensa portuense se deve tambem grande parte dos louros colhidos n'esta campanha do Bem. As benções com que os pobres pescadores agradecem ao Porto a sua caridade nunca desmantida, vão tambem cair sobre a frente d'aquelles apóstolos da imprensa que sabem comprehender o augusto sacerdocio cujas doutrinas tem por alvo — a luz.

Na santa tarefa de arrecadar a esmolla não havia distincções. Os voluntarios e jornalistas como que á porfia foram incansaveis. Era igual o fervor, igual o sentimento que os dominava — a Caridade.

Estas missões do Bem são feitas que conquistam no nosso tempo a veneração de muitos, o respeito de todos. Santo e nobre orgullo é este que faz despertar na alma o jubilo d'uma boa acção!

Aos escatrachos que se levantam sempre a contaminar tudo que é grande, nobre e generoso, não é dado traduzir o sentimento que anima aquelles que sabem escutar as vozes do infortunio, que sabem enxugar compassivos as lagrimas aheias. Em que lhes pese não de escutar, embóra rabiosos, as acclamações que em todo o paiz resoam para festejar os iniciadores d'esse cortejo que não celebrava górias, não exaltava engenhos, não queimava incensos, a ninguem thuribulava—espancava a dor nascida d'um grande infortunio.

Parabens ao Porto á Imprensa e aos Bombeiros Voluntarios.

A. C.

BOMBEIROS MUNICIPAES DE VILLA NOVA DE GAYA

No dia 15 do passado resou-se na egreja de Santa Marinha, de Villa Nova de Gaya, uma missa de *requiem*, mandada celebrar pela companhia de incendios de Villa Nova de Gaya, para suffragar a alma do barão do Corvo, Manuel Alves Souto, no nono anniversario do seu fallecimento.

A companhia de incendios de Villa Nova de Gaya grata pelos serviços que em vida lhe prestou o finado barão do Corvo a quem considerava o seu mais dedicado amigo, impõe-se todos os annos este piedoso dever a que assistiram além de toda a companhia da villa, grande numero de bombeiros voluntarios d'esta cidade e todas as deputações de bombeiros voluntarios de fóra que assim quizeram patentear ao digno chefe d'aquella corporação a consideração em que tem os seus elevados dotes e a sua leal camaradagem.

Correspondencias

LISBOA, 30 DE JULHO DE 1881

Permittam-me os meus benevolos leitores que me congratule com a Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, pelo sexto anniversario da sua installação, e pela sua iniciativa brilhante e fecunda nos soccorros que o Porto prestou aos pescadores do Faradouro privados dos seus parques haveres por um horroroso incendio.

São para mim occasiões de verdadeiro jubilo aquellas em que eu posso presenciar o engrandecimento d'uma Associação verdadeiramente benemerita, verdadeiramente digna da consideração publica e onde eu conto bons e leaes amigos.

— A fabrica de armas do arsenal do exercito possui uma bomba de vapor em bom uso e pessoal completo. Succede, porém, que, quando se manifestam incendios que reclamam a reunião de todos os soccorros da cidade, essa bomba não apparece nunca, o que admira. A bomba do arsenal da marinha tem sido, ás vezes, das primeiras em acudir, e ainda ultimamente prestou optimo serviço no incendio da rua da Boa-Vista. Não sabemos porque n'um estabelecimento nacional se prestam soccorros e n'outro, não. O que nos consta é que, se continuar sem trabalho a bomba do arsenal do exercito, em breve a encontrarão deteriorada. Convem pois fazer cessar este estado de cousas que reverte em manifesto desproveito não só da cidade, mas tambem do estabelecimento a que pertence a alludida machina.

— O sr. presidente da camara de Odemira, pediu á camara municipal de Lisboa uma bomba e seus pertences para o serviço d'aquelle concelho, ainda que fosse do antigo systema.

Foi remettido ao sr. vereador do pelouro dos incendios este officio para informar.

O exemplo da camara municipal de Odemira deveria ser seguido por todos os municipios ruraes que deveriam estabelecer o seu serviço de incendios em harmonia com os seus recursos que na maioria dos casos são poucos, é certo, mas em todo o caso estabelecer-o como podessem. Mostram na sua incuria que são genuinamente portuguezes os taes municipios, que preferem remediar a prevenir.

— Foi agraciado com a medalha de prata o sr. José Joaquim d'Abreu, ajudante do inspector dos incendios do concelho de Belem.

— Durante a ultima quinzena houve como de costume n'esta cidade grande numero de incendios. O que

porém se torna digno de menção sem comtudo ser d'esses que põem em alarme a cidade, foi o occorrido no dia 20 do corrente, ás 8 horas da noite no predio em construcção na rua do Ferregial de Baixo, pertencente a D. Marianna Kreibig.

O guarda do predio, Marcos dos Santos, foi dormir para o 5.º andar, deixando no pavimento inferior um candieiro de petroleo que fez explosão. O guarda ficou queimado n'um pé. A ambulancia dos voluntarios prestou-lhe os primeiros socorros e foi depois conduzido em maca ao hospital de S. José.

As chammas destruíram os bancos e ferramentas de cinco carpinteiros. Os tres andares inferiores soffreram apenas alguns damnos causados pela agua. A primeira bomba que compareceu foi a dos voluntarios, a segunda a n.º 8 que ganhou o premio e a terceira a n.º 17.

O incendio foi logo extincto. O predio estava seguro em 26 contos de réis. Se o fogo se tem manifestado duas horas mais tarde, seria tão horroroso como o da rua da Boa-Vista.

— Foram approvados os estatutos do monte-pio de S. Carlos do corpo dos bombeiros de Lisboa.

— Entrou no nosso porto com fogo a bordo a galera allemã *Thalia* precedente de Hull com destino a S. Francisco da California.

Eis os pormenores que acerca do sinistro nos offerece o *Diario de Noticias*, nos seus n.ºs de 28 e 29 do corrente:

«A carga compõe-se exclusivamente de carvão mineral, e o fogo manifestou-se por combustão espontanea, tendo o capitão dado por elle hontem de manhã. O navio encalhou na Cova da Piedade para receber os necessarios socorros, que lhe foram immediatamente prestados por duas bombas da alfandega de Lisboa, uma a vapor do arsenal da marinha, etc. Compareceram a bordo os srs. Herold, consul da Allemanha, Raposo de Carvalho, chefe de fiscalisação do porto, o sr. capitão-tenente Valadim, ajudante do superintendente do porto, alguns bombeiros voluntarios de Lisboa com uma machina, e o pessoal do arsenal e da alfandega indispensavel para o serviço das bombas. Julga-se que o fogo não se extinguirá antes de amanhã á noite. Os bombeiros de Belem, logo que souberam do fogo, acudiram com uma bomba ao caes da estação de saude no Bom Successo, porém o seu serviço não pôde ser utilizado por ter ido o navio para a Cova da Piedade. Esta madrugada devem sair, para socorrer a galera, do arsenal da marinha um dos robocadores com pessoal e material de socorros, que já allí estivera na tarde de hontem, mas sem poder funcionar por estar o navio distante da terra. O mestre da construcção naval, foi de opinião que se devia vedar as escotilhas e puxar o navio á terra para lhe fazer uns furos na coberta, onde serão introduzidas as agulhetas.

O fogo a bordo da galera allemã *Thalia* tem sido motivo de grandes cuidados e obrigado o pessoal da alfandega, do arsenal, e do serviço de bombeiros a um trabalho constante e violento, desde que o navio entrou no nosso porto.

Ás 3 horas da tarde de domingo o navio foi encalhado, e apesar das hesitações e dos receios manifestados, principalmente por parte do capitão, fizeram-se alguns furos no convés, por onde se injectou grande quantidade de agua. Pouco depois foram abertas as escotilhas. Nesta occasião desceram por ellas tres bombeiros e o segundo piloto do navio a fim de desviarem algum carvão para as agulhetas das bombas me-

lhor poderem funcionar. O fumo, e as exhalações do cabornio produziram, porém, taes perturbações n'elles que, se lhes não acodem logo, morriam asphixiados. Quando voltaram a si, sentiam symptomas de envenenamento.

D'ahi por diante as bombas trabalharam sem cesar; mas ás 11 horas da noite o fogo tinha tomado tal intensidade e amudavam-se tanto as explosões, com fortissimos estampidos, que todos quantos presenciavam aquelle espectáculo estavam aterrados. Vieram então a terra os srs. capitão do porto e o chefe do serviço marítimo da alfandega procurar o inspector dos incendios, em companhia do qual voltaram ao navio. O sr. Barreiros foi de parecer que se conservassem as escotilhas todas abertas, que as bombas continuassem a funcionar até alagarem o navio, e que se procedesse á immediata descarga do carvão.

Hontem o fumo era menor e o fogo parecia estar mais frouxo. O navio como é todo de ferro pouco terá soffrido. O carvão vai descarregar para o Aterro e será provavelmente vendido em leilão. São 4:453 toneladas, cujo valor se calcula não será inferior a réis 7:500\$. A galera é barco excellente. Custou 80:000\$000 réis. Má estrella, porém, a acompanha desde que saiu de Hull. Dois dias depois de emprehender viagem foi surprehendida por um temporal que a desmastreou, sendo necessario que o vapor *Montevideo* lhe desse reboque para Hamburgo. No dia 25 declarou-se o incendio no carregamento. E' provavel que por estes tres dias possam retirar todas as bombas. Por parte do alfandega tem estado quasi permanentemente a bordo os srs. Raposo de Carvalho, aspirante Bicudo, e José Silvestre Villas, fiscal do rio.

Do pessoal da *Associação de serviço voluntario de ambulancias* esteve a bordo um piquete desde sabado de tarde até hontem á tarde. Ali prestou socorros medicos a dez individuos que trabalhavam na extincção do incendio. Os bombeiros voluntarios tambem retiraram hontem.»

— Houve hontem um incendio na loja de tabacos n.º 6 da travessa da Victoria. Os inquilinos, que pelo visto tinham pegado fogo ao estabelecimento, tiveram a infamia de acusar de furto os bombeiros que primeiro acudiram. Averiguadas as cousas lá foram para o tribunal onde responderão pelas suas gentilezas.

— Vão muito adiantados os trabalhos de installação da associação dos bombeiros voluntarios da Junqueira. A associação já encomendou o seu material para Inglaterra a uma das principaes casas constructoras de Londres. A primeira esquadra vai ser montada na rua Direita da Junqueira.

— Já está montada a segunda estação dos bombeiros voluntarios dos Oliveas, no palacio de Tavarede, calçado de D. Gastão.

O sr. Antonio Gomes da Silva tem prestado áquella auspiciosa instituição relevantes serviços.

C.

A redacção do *Bombeiro Portuguez* agradece á imprensa periodica as lisongeiras palavras com que acolheu a edição especial do seu n.º 10, destinada a ser vendida avulsa e cujo producto liquido reverteu em beneficio dos pescadores do Furadouro.

A pello vem tambem noticiar que o publico secundou brilhantemente a iniciativa d'esta redacção fazendo acquisição d'um grande numero de exemplares, alguns dos quaes por preços relativamente elevados.

ALMANACH ILLUSTRADO DO BOMBEIRO PORTUGUEZ

2.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

Sairá em fins de setembro em volume de cerca de 200 paginas, em 16 e adornado com os retratos dos principaes bombeiros portuguezes.

Por assignatura e para os subscriptores
do *Bombeiro Portuguez* 200 reis.
Avulso 250 »

Recebem-se assignaturas e annuncios n'esta redacção e na typographia dos srs. Arthur José de Souza & Irmão, largo de S. Domingos n.º 74, Porto.

INCENDIOS NO PORTO DE 1 A 31 DE AGOSTO

2 d'Agosto. — A's 5 horas da tarde. Nas fraldas do monte em que se levanta a igreja do Bomfim. Incendio no matto a que a imprudencia d'uns rapazes deu causa. Compareceu o pessoal e material do districto, sendo a primeira a chegar a bomba municipal n.º 7 que trabalhou na extincção. Os prejuizos foram insignificantes.

4 de Agosto. — A's 11 horas da manhã. Baixos do edificio da Academia Polytechnica, casa n.º 14 a 16. Principio d'incendio n'uma pequena porção de linho a que pegára fogo o lume d'um phosphoro que casualmente atirara fóra um transeunte e que fóra cahir sobre o mesmo linho. O prejuizo é orçado em 10\$000 réis e o estabelecimento tem seguro na companhia *Indemnizadora*. Compareceram as bombas municipal n.º 31 e a dos voluntarios n.º 1 com o carro de material. As torres não deram signal.

4 de Agosto. — A's 6 horas da tarde. Rua do Montebello, casa terrea da ilha n.º 406. Propriedade de Antonio de Jesus Ferreira, occupada por Anna Cabreira. O incendio, que se suppõe causado pelo lume do fogão, destruiu a casa com tudo o que continha, causando um prejuizo de cerca de 100\$000 réis. A casa tinha seguro na *Bonança*. A primeira bomba que compareceu e que trabalhou na extincção foi a municipal n.º 7.

4 de Agosto. — Principio de incendio na ponte pensil que se julga originado por alguma ponta de cigarro. Descoberto a tempo, foi de prompto extinto sem causar prejuizos.

5 de Agosto. — A's 4 horas e meia da manhã. Villa Nova de Gaya. Rua de Santa Marinha. Propriedade de Antonio da Fonseca Moura, occupada por Antonio da Silva Barrosa que ali tinha estabelecido uma fabrica de distillação e deposito de vasilhame. O fogo que irrompeu com extrema violencia destruiu o armazem terreo onde se manifestou conseguindo-se a custo salvar o predio contiguo que é sobradado e onde o Miguel de Souza Guedes tem uma importante tanoaria e deposito de madeiras empregadas para vasilhame. Os prejuizos são calculados em 2:000\$000 réis attribuindo-se a causa do incendio ao lume mal extinto da caldeira. Na extincção trabalharam além das bombas municipaes de Gaya, a bomba municipal n.º 4 e

a dos voluntarios n.º 1 e os carros de ferramentas. Predio e officina tinham seguro. O serviço da extincção acabou para os soccorros do Porto ás 7 horas da manhã ficando porém ainda a trabalhar no rescaldo a companhia de Villa Nova de Gaya.

7 de Agosto. — A's 8 horas e meia da noite. Circumscripção de Santa Catharina. Rebate falso.

7 de Agosto. — A's 5 horas da tarde. Rua da Porta do Sol. Principio de incendio nas trazeiras do armazem de vinhos pertencente ao sr. Antonio Nicolau d'Almeida e que foi extinto pela gente da casa, não sendo necessarios os soccorros publicos. As torres não deram signal.

7 de Agosto. — A's 10 horas da noite. Incendio n'uma porção de matto d'um terreno pertencente ao municipio, no largo de Camões e que foi de prompto extinto sem dependencia dos soccorros publicos chamados pelas torres. Compareceu a bomba dos voluntarios n.º 1 com o seu carro de material em primeiro logar, seguindo-se-lhe a bomba municipal n.º 1.

9 de Agosto. — A' 1 hora da madrugada. Rua de Passos Manuel. Principio d'incendio n'uma barraca de madeira que pertence ao sr. José Joaquim de Faria Guimarães. O fogo foi extinto pela policia que estava de serviço n'aquella rua. Dentro da barraca foi encontrada uma garrafa com petroleo o que faz presumir que o fogo foi lançado por malvadez.

10 de Agosto. — A's 8 horas da noite. Villa Nova de Gaya. Rebate falso. Os soccorros chegaram até ao largo das Devezas

11 de Agosto. — A's 6 horas da tarde. Rua do Moreira. Incendio n'um matto que pertence a Antonio Thadeu de Faria. O fogo, que causou pequenos prejuizos, foi extinto pelos vizinhos. Compareceram os soccorros publicos chegando em primeiro logar a bomba municipal n.º 8 e em seguida a dos voluntarios n.º 1.

14 de Agosto. — A's 3 horas da madrugada. Principio de incendio nos baixos do predio n.º 109 da rua de Santo Ildefonso, habitado por Carlos Augusto da Paz. Fez insignificantes prejuizos e foi extinto pela gente da casa. Os soccorros publicos não foram chamados.

15 de Agosto. — Villa Nova de Gaya. Serra de Pilar. Incendio no matto, extinto sem prejuizos de maior. Compareceram o pessoal e material que acode áquelle districto e alguns voluntarios de Lisboa, Braga, Lamego, Regoa, Penafiel e Santo Thyrsso que tinham vindo honrar os seus camaradas do Porto associando-se aos bandos precatórios.

22 de Agosto. — A's 3 horas da tarde. Travessa da Povoia n.º 13, casa occupada por Manuel Ribeiro Nunes e de que o mesmo é proprietario. O fogo que teve principio n'umas aparas de madeira foi de prompto extinto pelos vizinhos, não fazendo prejuizos de consideração. Compareceram as bombas municipaes n.ºs 6 e 7 e a dos voluntarios n.º 1.

26 de Agosto. — A's 4 horas e meia da manhã. Rua do Moinho de Vento n.º 57 e 59. Propriedade de Felicio Pinto da Silva, occupada por João Ferreira de Figueiredo com deposito de farinhas e cereaes. O predio não tinha seguro tendo-o o estabelecimento. O fogo cuja origem se ignora, causou prejuizos em cerca de 500\$000 reis e foi combatido pela bomba municipal n.º 3 e pela dos voluntarios n.º 1 sendo aquella a primeira a chegar e esta a segunda. Os trabalhos da extincção terminaram ás 6 horas da manhã.

Incendios no estrangeiro

Incendiou-se o harem da princesa Mansour, no Cairo, ficando reduzida a escombros toda a ala esquerda do palacio.

419 mulheres que trabalhavam n'uma herdade de Putimof (Russia meridional) ameaçaram abandonar o trabalho por estarem descontentes com a alimentação que lhes davam e retiraram-se para o interior de um celeiro, onde todas juntas esperavam a resolução dos patrões.

O feitor vendo-as todas no casebre, fechou-lhes as portas á chave e retirou-se. Logo depois, chegaram quatro trabalhadores, que puzeram fogo á casa pelos quatro angulos. O calor era muito, e n'um momento o edificio estava em chammas.

O que então se passou não se descreve, mas imagina-se.

Ainda acudiram algumas pessoas que tentaram abrir as portas, mas as infelizes no cumulo do terror tinham-se precipitado todas contra as portas e como as batentes abriam para dentro eram ellas mesmas que baldavam os esforços dos salvadores.

Sómente cinco é que saíram com vida, d'aquella fonalha mas poucas horas tardaram a morrer no meio de soffrimentos atrozes.

Um dos trabalhadores, quando viu a sua obra, poz-se a olhar para ella, com as mãos na cabeça, cheio de espanto e de terror. Depois correu a afogar-se n'um lago proximo. Os outros estão presos.

Os incendios estão ultimamente em Hespanha na ordem do dia. Eis alguns ultimamente occorridos e de maior vulto:

Em Albacete, declarou-se um horroroso incendio na cerca do convento del Carmen, o qual foi soffocado apóz grande trabalho e graças ao zelo das auctoridades.

Em Teruel, ardeu um grande solar, perecendo no seio das chammas uma creancinha de onze annos.

Em Badajoz, foram invadidas pelo incendio algumas devezas, calculando-se em 1:500 hectares o terreno incendiado.

Em Somosierra, foram queimadas 11 casas, entre as quaes se conta o quartel da guarda civil.

Em Marquines, (Valladolid) occorreu um incendio verdadeiramente pavoroso, sendo presa das chammas 40 casas, entre as quaes a consistorial e grande parte do archivo, o julgado municipal, a escola com toda a mobilia, etc. Foram consideraveis os prejuizos; consistem em mais de 5:000 fangas de trigo, 800 de alfarroba, 400 de grão de bico e 60 rezes. Aqui o incendio foi alimentado por um espantoso furacão que reinou por mais de seis horas. O aspecto da população era verdadeiramente desolador. Calculam-se no valor de 80:000 duros as perdas. O fogo principiou ás 11 horas e meia e terminou á 1 da noite. Metade da povoação foi devorada ficando da maior parte das construcções apenas umas paredes nuas.

O facto de se ter communicado o fogo para uns armazens e depositos de vinhos e alcool difficultou consideravelmente o combate contra o elemento voraz;

houve, porém, mais de seis horas de constante trabalho, sempre valoroso.

Incendios nas provincias

No meado do mez passado houve nas mattas das freguezias de Garfe e Gonça, a 10 kilometros de Guimarães, um violento incendio.

Os povos das freguezias visinhas, chamados a toque de rebate, puderam, depois de muitos trabalhos e de não poucos sacrificios, localisal-o por meio de largas regeiras em uma extensissima area.

A causa do sinistro que produziu avultados prejuizos, ainda se não pôde averiguar.

No dia 18 do passado, ardeu parte da casa do sr. Domingos José Ferreira Braga, na calçada dos Pelames, em Braga. O fogo foi promptamente extinto.

No dia 19 do passado, na Povia de Varzim pouco depois das 9 horas da noite, deram as torres signal de incendio que se havia manifestado n'uma casa terrea sita na rua de S. Sebastião, d'aquella villa, pertencentes a Antonio Lopes Rodrigues, procurador. O incendio foi devido ao pouco cuidado dos paes, que, entregando a duas creanças uma luz para se deitarem, elles deitando-se e pegando a dormir, não apagaram a luz de que resultou o fogo communicar-se á enxerga em que se achavam. Uma das creanças acordando meia asphyxiada pôde gritar, conseguindo já com difficultade serem salvas.

A companhia de Bombeiros Voluntarios prestou bons serviços, assim como outras muitas pessoas e toda a força militar que ali promptamente compareceu. O fogo foi localizado e dominado em pouco tempo, sendo os prejuizos de pequena monta.

Um grande incendio fez ultimamente consideraveis estragos em Sinfães.

Manifestou-se em uma pequena e velha casa, e, apesar dos esforços empregados pela gente da localidade para o extinguir, com tal furia elle tinha rompido que, açoitado pelo vento, communicou-se ás casas proximas, destruindo 13 predios.

Umias poucas de familias ficaram na miseria.

No dia 26 do passado, ao meio dia, houve grande incendio na freguezia da Cumieira, concelho de Santa Martha de Penaguão, em uma casa habitada pela professora régia. O fogo foi tão violento que em poucas horas reduziu a cinzas aquelle predio, apesar de grandes diligencias que se fizeram para o salvar. Por pouco não foram victimas do incendio a professora e sessenta meninas que alli se achavam. O predio pertencia ao sr. Botelho, d'aquella freguezia. Não se sabe ainda como principiou aquelle sinistro.

Varias noticias

No dia 16 do passado, pelas sete horas da tarde um enorme clarão que se avistava dos pontos mais altos da cidade, denotava que para os lados de Gundomar havia um grande incendio. Os bombeiros voluntarios a quem constou o occorrido, abalaram para ali com o seu material e pessoal que puderam reunir e averiguaram que o incendio lavrava na serra do Cavallo, em Aguiar de Sousa onde não puderam chegar, detendo-se em Quintãs, porque os caminhos para além eram intransitaveis para qualquer viatura.

Subindo á torre da igreja de Quintãs puderam avaliar a importancia do incendio que se alastrava por toda a serra, ainda assim longe do povoado.

Quando os bombeiros voluntarios regressaram ao seu quartel era perto de uma hora da noite.

Segundo se afirma principiaram já os trabalhos da montagem dos telephones que tem de ligar os commissariados da 1.ª e 2.ª divisão policial e respectivas esquadras com o governo civil, quartel da guarda municipal e estação dos bombeiros voluntarios.

Folgamos que breve se realice o melhoramento d'incontestavel vantagem para o serviço d'incendios.

Descobriu-se em Nova-York, segundo a communição, do consul geral de Portugal em Londres á alfandega de Lisboa, que as sedas pretas são consideradas em certos casos inflammaveis.

Diz a referida communição que em virtude de um relatório de sir Eduard Thornton, representante da Grã Bretanha em Washington, chamando a attenção publica para certos incendios de natureza ou origem mysteriosa manifestados ultimamente tanto em carregamentos em viagem, como em fazendas armazenadas, se procedera a um minucioso inquerito, resultando d'elle reconhecer-se que taes incendios tiveram origem em partidas de seda preta, por effeito das substancias chímicas hoje empregadas tanto para augmentar o peso como para dar certa côr á seda em peça. A commissão pondera no seu relatório que o fabrico da seda se tem aperfeiçoado até ao ponto de se poder quadruplicar o peso da se la natural, sem adulteração alguma apparente; todavia, accrescenta que as substancias mineraes, vegetaes, acidos e alcalis para isso usados, uma vez em combinação com as substancias animaes e germen naturalmente, inherentes á seda produzem uma tal fermentação que facilmente dá em resultado carbonisação ou combustão, sempre que a fazenda se sinta sob os effeitos de compressão, ou que seja privada do ar, e sob a influencia do calor.

A alfandega de Lisboa vae deixar de arrecadar nos seus armazens internos todos os volumes que contiverem sedas pretas e tomar outras providencias extraordinarias para evitar algum incendio proveniente da annunciada combustão; e é provavel que as demais alfandegas que importam sedas procedam por igual modo.

Toques d'apito

Accedendo aos pedidos que nos tem sido feitos e porque pensamos prestar um serviço a uma grande parte dos nossos assignantes, publicamos hoje a tabella dos toques d'apito usados pelas corporações de bombeiros d'esta cidade.

REUNIR OU AVANÇAR = toti-toti-toti-toti-toti.

SENTIDO = hi-tohi.

TRABALHAR = oooooooo (tremulo)

PARAR = tarotitititi-to-to-to.

RETIRAR = ocoim-ooim-ooim (tremulo).

ARRIAR = arri-arri-arri-arri.

ICAR = himhimhimhimhim (seguido).

DEBANDAR = hi-tototo-hi-tototo-hi-tototo.

COMPANHIA = tito-toto-tito.

1.º PATRÃO = hititohi.

2.º PATRÃO = hititohi (duas vezes).

ASPIRANTE = hititohi (tres vezes).

1.º SÓTA = toti.

2.º SÓTA = toti-toti.

ESCADA DE GANCHOS = tiroti-toti-toti.

PRUSSIANA = (duas vezes).

LANÇO D'ESCADA = oim.

MANGUEIRA = rió.

MANGA DE SALVAÇÃO = rió-rió.

BOMBA N.º 1 = him (rufo denota n.º 5).

CARRO = o-titi-o.

FERRAMENTA = territiti (tres vezes).

MACHADO = teiti-ti-ti-to.

BICHEIRO = teiti-ti-ti-to-tó.

GADANHO = teiti-ti-ti-tó-tó-tó.

ARCHOTE = ro-o-o-o.

MONTAR = himhim.

DESMONTAR = arri

TANQUE = tió-tió.

PESSOAL = to-to-to-hi — to-to-to-hi.

DEBANDAR = hi-to-tó-tó — hi-to-to-to — hi-tó-tó-tó.

VOLUNTARIOS = to-to-to-ri-to.

Para pedir lanços d'escada, dá-se o signal de carro e em seguida tantos *hins* quantos forem os lanços que se precisem.

O numero cinco designa-se, por meio d'um *rufo*: dez, dous *rufos* e assim successivamente, accrescentando tantos *hins*, conforme o numero que se quizer.

A nota aguda é dada com a mão fechada e a nota grave com a mão aberta.

NUMERAÇÃO DO PESSOAL

(toque) 1 = to.

2 = toto.

3 = tototo.

4 = totototo.

5 = (rufo).

6 = (rufo) tó.

7 = (rufo) totó.

8 = (rufo) tototo.

9 = (rufo) totototo

10 = to-(totototo) representa unidade.

11 = to (pausa)-to.

12 = to tótó.

(Até 14) vae-se accrescentando a nota além do signal de dezena, exemplo :

14 = to-(pausa)-tototótó.

15 = to-(rufo).

16 = to-(rufo)-tó.

(pausa entre os 1.º tós) 20 = to-to (tototótó).²

Nos toques em que se fizer uso d'esta numeración deve-se-lhe antepôr o signal de pessoal.